

Tombada a tradicional fazenda campineira

Três Pedras perpetuará a fase áurea do café



As três pedras no alto do morro dão nome à fazenda tombada pelo Condephaat.

Texto: Iria Marly de Moraes
Fotos: Nelson Chinália

As três pedras parecem ter sido cuidadosamente empilhadas, bem ao alto do morro. Para elas olhavam os escravos quando amassavam o barro para levantar dois quilômetros de muros, cercando toda a sede da fazenda. E quando o sol desaparecia por trás do morro, já era a hora dos negros entrarem na senzala e os capatazes nos cômodos do porão. Pouco depois, também a casa grande já estava em silêncio. No dia seguinte, a rotina continuava com a construção do paiol, da tulha e do trabalho na lavoura do café.

Passado mais de um século, hoje não há mais café na Fazenda Três Pedras, onde é recriado gado holandês. Mas a paisagem é a mesma de 1871, quando a casa grande foi construída. A 18 quilômetros do centro de Campinas, a sede é um exemplar característico das fazendas cafezeiras na época áurea da expansão desse ciclo no Estado de São Paulo. Fundada por Joaquim Floriano Novais de Camargo, a fazenda passou por diversos proprietários, até que foi adquirida por Olavo Sacchi, em 1962.

Há oito anos o atual proprietário vem trabalhando na restauração de toda a sede, que ocupa quase dez dos trinta alqueires da fazenda. E tudo ficou exatamente como há mais de 100 anos. Ontem ela foi tombada pelo Condephaat. A Fazenda Três Pedras agora contará para sempre uma parte da história de Campinas.

Sinhazinhas e mucamas

reviveram o século 19

Aias e mucamas passeiam despreocupadamente por entre as palmeiras dos jardins, pelas imediações da senzala; as sinhazinhas levantam um pouco as saias muito rodadas dos longos vestidos para subir os degraus que levam à varanda da casa grande; são onze horas da manhã e o sol bate em cheio nas três pedras em cima do morro. Uma volta ao século XIX aconteceu ontem em Campinas, na solenidade de tombamento — pelo Condephaat — da Fazenda Três Pedras, no distrito de Joaquim Egidio.

Exatamente por sua construção conservada e datada de 1871, a fazenda foi escolhida entre outras sete pela TV Cultura para ambientar as gravações da novela "O Tronco do Ipê", baseada em romance de José de Alencar. As gravações já duram dez dias, e os artistas acabaram participando da solenidade, vestidos rigorosamente segundo os figurinos do final do século passado.

Entre as sinhazinhas e suas mucamas o secretário da Cultura do Estado, Antonio Henrique da Cunha Bueno assinou a resolução do tombamento da sede da fazenda, ressaltando que pretende lutar para que instituições financeiras concedam crédito especial a proprietários de bens tombados; por uma lei urbana especial que permita a esse proprietário receber imóvel de igual valor; pela dedução do imposto de renda, no valor aplicado em obras de restauração de bens tombados; e isenção de imposto predial de bens tombados.

Mas ele destacou também que, no caso da Fazenda Três Pedras, o proprietário Sacchi foi quem mais lutou pelo tombamento, depois de ter realizado por conta própria as obras de restauração. E o presidente do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo, Rui Otak, descerrou a placa alusiva ao tombamento, na varanda da casa grande.

Com o café, participou na economia do País

Em meados do século XIX, quando a Vila de São Carlos era elevada à categoria de cidade, a produção local de açúcar já vinha sendo substituída pela do café. Em pouco tempo, a cidade de Campinas passou a concentrar prósperas fazendas de lavouras cafezeiras. Na mesma época em que na cidade se inaugurava a Santa Casa de Misericórdia, a iluminação a gás, as estações de estradas de ferro, era erguida no distrito de Joaquim Egidio a sede da Fazenda Três Pedras. Começava a década de 70.

A propriedade era parte de uma antiga sesmaria, do Engenho Nossa Senhora da Conceição do Sertão, do capitão-mor Floriano de Camargo Penteado. Joaquim Floriano Novais de Camargo, neto do capitão foi quem fundou a Três Pedras e construiu a casa grande. O historiador Celso Maria de Melo Pupo diz que a fazenda marcou seu período áureo de produção cafezeira, "quando Campinas compunha o polo de riqueza agrícola dominante e garantidor do superavit que marcou, anos seguidos, a balança comercial do Império brasileiro".

A fazenda foi vendida sucessivamente e, em 1962, Olavo Sacchi a adquiriu, passando a se dedicar a sua conservação, respeitando todos os detalhes originais da construção. Além da casa grande, da senzala, dos anexos, Sacchi se preocupa ainda em preservar a pequena mata natural ao lado da sede, às margens do rio Atibaia.

Para Celso Maria de Melo Pupo, "a fazenda teve a ventura de passar por vários proprietários intelectualmente capazes de levá-la ao amoroso cuidado de conservar o que seu fundador levantou de construção que, de uma vida útil na sua economia agrícola, passou a mais outro inestimável valor, como testemunho de uma tradição de vida, do labor e da realização que engrandece um povo".



Olavo Sacchi restaurou inteiramente a construção da casa grande.



Dentro da sede, até mesmo a mobília é do século passado.

Uma restauração feita com todos os detalhes

Cercada por jardins que o proprietário Olavo Sacchi faz questão de manter com plantas da região, principalmente o alecrim, a sede da Fazenda Três Pedras é protegida por muros de taipa muito espessos, que tinham antes a função de vedar o terreiro, a senzala, o pomar e o pátio para a parada de animais ou carruagens. As edificações internas são três: a casa grande ao centro, uma ala da antiga senzala à direita, e uma habitação para caseiro em frente.

A casa grande é um sobrado em alvenaria de tijolos, edificado sobre paredes de alvenaria de pedra e tijolos de barro com embasamento de pedra. A planta do pavimento superior consta de um salão central, com acesso à esquerda e à direita para dois salões, que por sua vez, dão acesso para um conjunto de serviço. O arquiteto Bernardo José Castelo Branco desenvolveu as obras de restauração para o proprietário Olavo Sacchi.

O arquiteto explica que inicialmente foi feita a remoção de todos os trechos de reboco danificados e madeiras apodrecidas ou atacadas por insetos. Todas as obras foram feitas com o cuidado de permitir a restauração do aspecto original e foi feita pesquisa para documentação das pinturas originais.

A pesquisa para a pintura externa levou à constatação de três tons de azul para os pedestais, fustes das colunas, forros, beirais e quadros das janelas do piso superior do sobrado. No piso térreo, um vermelho escuro próximo do marrom é a cor dos quadros e grades das janelas. As paredes mostram o branco encontrado na camada mais profunda de sucessivas demãos de pintura, e agora, com o tombamento, nenhuma das características originais poderá ser alterada.



O cenário ideal para as gravações de "O Tronco do Ipê", de Alencar.